



THE COLOR PURPLE E BELOVED: IMPLICAÇÕES DIALETAIS SOB A PERSPECTIVA DA TRADUÇÃO

Hiroco Luiza Fujii Iwassa (PG/UEMS) ¹

Lucília Teodora Villela de Leitgeb Lourenço (UEMS) ²

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS) ³

Resumo: O presente artigo tem como objetivo tecer algumas considerações sobre o dialeto afro-americano *Black Vernacular English* (BVE). Tais considerações tornam-se evidentes, a partir das contribuições da Sociolinguística e da Tradução, abordando reflexões que envolvem as implicações dialetais nestes contextos teóricos. Manifestadas através da literatura, tais variantes são marcantes nas obras *Beloved* de Toni Morrison e *The Color Purple* de Alice Walker. Sob esta conjuntura histórica, observa-se a resistência de um grupo étnico formado a partir de conflitos que ultrapassam o campo linguístico. Dessa forma, neste trabalho, buscamos alternativas que contribuam para uma tradução que respeite as peculiaridades culturais e linguísticas, considerando assim, a conjuntura sócio-histórica na qual a variação está inserida.

Palavras-chave: Dialeto Afro-Americano. Black English. Tradução. Sociolinguística.

Abstract: This article aims at presenting some considerations on the African American Black Vernacular English dialect (BVE). Such considerations become evident from the contributions of Sociolinguistics and Translation, on the part of the implications involving dialectal this theoretical contexts. Such variations are striking in *Beloved* by Toni Morrison and *The Color Purple* by Alice Walker and manifest the resistance of an ethnic group formed from conflicts that go beyond the linguistic field, through literature. Thus, in this paper we seek alternatives that contribute to a translation that respects cultural and linguistic peculiarities, thus considering the whole historical conjuncture in which variation is inserted.

¹ Mestranda em Letras – Produção Oral e Escrita – UEMS – Unidade Campo Grande.

² Professora de Língua Inglesa, Ensino de Línguas e Literaturas no curso de graduação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS – Unidade Dourados.

³ Professora de Língua Inglesa, Ensino de Línguas e Literaturas, Pesquisa em Letras e Sociolinguística nos cursos de graduação e pós-graduação *stricto sensu* da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul – UEMS - de Campo Grande – MS.



Key-words: African-American Dialect. Black English. Translation. Sociolinguistics.

1. INTRODUÇÃO

A tradução vai além da substituição de palavras entre diferentes línguas, ou do simples processo de passagem de um texto para outro. Para que se elabore uma tradução sem perdas de sentidos e significados, é necessário considerar os fatores externos que acompanham esta prática (culturais, sociais, históricos, ideológicos, políticos) como também, os fatores sociolinguísticos das línguas em questão.

Sob a ótica da Sociolinguística há uma relação intrínseca entre língua e sociedade. Considera-se que a língua não seja “simplesmente um veículo para se transmitir informações, mas também um meio para se estabelecer e manter relacionamentos com outras pessoas.” (MONTEIRO, 2000, p. 16).

A perspectiva sociolinguística *laboviana* busca observar a língua em seu contexto social, expressa por determinada comunidade e fundamentada a partir da relação de interação entre fala e sociedade. Labov (1972) aborda a língua como sistema que tende a acompanhar a evolução da sociedade, logo, os padrões de comportamento sofrem influências em função do tempo e do espaço e, por essa razão, trazem à tona, fenômenos de linguagem como, a diversidade e o preconceito linguístico.

Neste sentido, observam-se algumas variações que são rejeitadas pela sociedade por serem consideradas menos relevantes que outras. Vale ressaltar, portanto, o caso *Black English* ou inglês afro-americano, falado por muitos negros nos Estados Unidos e entre algumas minorias em outras partes do mundo.

A partir desta variante, propomos refletir sobre alguns aspectos sociolinguísticos do *Black English*, que de certa forma, foram abandonados ao serem traduzidos nas obras *Beloved* de Toni Morrison publicado em 1987 e *The Color Purple* de Alice Walker publicado em 1982, trazendo significativas perdas de sentido dos textos, devido à abordagem adotada.

Neste sentido, buscamos observar as características do inglês afro-americano a partir de duas traduções distintas, tomando por base os conceitos de domesticação e estrangeirização introduzidos por Lawrence Venuti. Tais abordagens serão trazidas para discussão e reflexão neste trabalho, visto as complexidades envolvidas na tradução desse dialeto, sem perder as peculiaridades culturais manifestadas através da língua.



2. O *BLACK ENGLISH* Americano sob a ótica da sociolinguística

Considerando a educação dos negros nos Estados Unidos, observa-se que, durante a escravidão era ilegal ensinar os escravos a ler e escrever em todo o Hemisfério Ocidental. Nas partes do sul (maior concentração de escravos) dos Estados Unidos, antes da Guerra Civil (1861-1865) também era ilegal educá-los e não havia previsão para essa legalidade.

A Guerra Civil Americana surgiu a partir de uma divisão entre os [Estados do Sul](#) latifundiário [aristocrata](#), contra os Estados do [Norte industrializado](#), dedicado a estilos mais modernos de vida. O Norte do país passava por um momento de transformação (industrialização), sendo que a região Sul ainda necessitava de mão de obra livre e assalariada, no entanto, ainda dependia em grande proporção da mão de obra escrava.

Conforme Monteiro (2002) frente a estes fatos, os negros fundaram suas próprias escolas, e por serem ilegais, funcionavam secretamente. O desprestígio da linguagem dos negros africanos contribuiu ainda mais para o isolamento entre povos brancos e negros, visto que, os brancos jamais aprenderiam a língua dos escravizados. Por essa razão, os negros viram-se na obrigação de aprender a língua de seus senhores, surgindo a partir daí, os dialetos crioulos.

Conforme (TRUDGILL, 1979 *apud* MONTEIRO, 2002, p. 128), desde a época da colonização americana, o dialeto dos negros foi classificado, como inferior. Sob a ótica da Sociolinguística, fundamentar a inferioridade ou superioridade de uma forma de falar é inadmissível. “Linguisticamente falando, uma variedade não pode ser considerada melhor que a outra. Todos os dialetos são estruturados, complexos, governados por um sistema de regras e adequados às necessidades do falante” (TRUDGILL, 1979, p. 49). Mais do que linguístico, este julgamento é de cunho social e está vinculado aos preconceitos da própria sociedade.

Os estudos da Sociolinguística alcançaram grande desenvolvimento nas décadas de 50 e 60 nos Estados Unidos, e o interesse por estas pesquisas surgiram com a necessidade de maior proximidade entre outros povos e a busca pelo conhecimento em prol da própria comunidade. Pode-se considerar como uma das figuras principais, o linguista norte-americano Willian Labov, o qual deu início à teoria da variação. Tais variações linguísticas sob a teoria *laboviana* consistem na condição do próprio sistema linguístico e não em uma irregularidade da língua.



EDIÇÃO Nº 12 , SETEMBRO DE 2013

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013

ARTIGO APROVADO ATÉ 20/09/2013

Variantes linguísticas são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística (TARALLO, 1997, p. 08).

A variabilidade é passível, susceptível de sofrer efeitos de mudança ou mesmo de uma sistematização. “A cada situação de fala em que nos inserimos e da qual participamos, notamos que a língua falada, é, a um só tempo, heterogênea e diversificada” (TARALLO, 1997, p. 06).

É fato que, muitos estudantes negros frequentam a escola e, ainda assim, utilizam a linguagem que é importante para a rica cultura afro-americana, normalmente mencionada como *African American Vernacular English* (AAVE).

Toni Morrison e Alice Walker, escritoras militantes da raça negra e de seus direitos, inseriram o dialeto *Ebonics*⁴ em suas obras como forma de resistência ao sistema discriminatório norte-americano, provocando uma abertura para o conhecimento do dialeto.

Conforme Tarallo (1997) verifica-se dentre as variações linguísticas, as variantes padrão e não padrão, conservadoras, inovadoras, estigmatizadas e de prestígio. O *Black English* classifica-se em variantes estigmatizadas, de menor prestígio e censuradas, assim configuradas pela comunidade em questão. Dessa forma, é evidente que os fatores sociais antecedem os fatores linguísticos na formação do dialeto *African American Vernacular English* (AAVE).

Sob esta perspectiva, algumas atitudes linguísticas podem ser consideradas como armas pelos falantes, surgindo como forma de demarcação de seu espaço, sua identidade cultural e seu perfil de comunidade sob a condição de escravo. Neste sentido, vale ressaltar, que a língua pode ser um fator importante na identificação de grupos sociais, ou seja, um meio de demarcar diferenças entre grupos e comunidades.

Considerando sua própria forma de falar, pensar e escrever, observa-se que o dialeto *Black English* tem uma história e não deve ser ignorada ou mesmo vista como inferior à língua inglesa padrão, mas aceita e respeitada.

A complexidade das variedades linguísticas nos leva a pensar, em como certos dialetos se instalaram em determinados grupos, identificando-os e diferenciando-os de outras comunidades.

Willian Raspberry (1998) buscou esclarecer parte dessa ampla variante, considerando o *Black English* uma parte rica do discurso americano, que os linguistas chamam de “*code-switching*” ou



alternância linguística. Tal habilidade, consiste em mudar de uma língua para o dialeto, mas sem uma consciência sobre o ato em que se está praticando. A maioria dos falantes afro-americanos é bilíngue, dependendo das circunstâncias de uso, utilizam tanto a norma padrão da língua inglesa como o inglês afro-americano.

Assim, já mencionado, este método consiste na adaptação linguística em diferentes ambientes, ou seja, cada dialeto ou código é ampliado a cada local. Os falantes dessa variante consideram mais apropriado fazer uso da norma padrão da língua inglesa em certas ocasiões formais, e em outras situações menos formais, utilizam o dialeto entre amigos e ambientes familiares.

A variação linguística consiste num fenômeno que parte de processos evolutivos comuns a qualquer língua. A partir da análise de como os indivíduos se organizam na interação social humana, é que se busca compreender como, muitas vezes, ao se comunicarem, os falantes acabam criando fenômenos tão evidentes como a discriminação e o racismo.

3. ATO TRADUTÓRIO: ASPECTOS DE *DOMESTICAÇÃO* E *ESTRANGEIRIZAÇÃO* DE LAWRENCE VENUTI (1995)

Segundo Bassnett (2003), apesar da tradução estar presente desde os tempos antigos, esta atividade só começou a ganhar terreno a partir dos anos 80 do século XX, privilegiando uma abordagem descritiva, vinculado as práticas tradutórias da cultura.

Como mencionado anteriormente, o ato tradutório não consiste em um caso isolado, mas sempre associado a fatores de ordem social, política, ideológica e religiosa. “A tradução tem papel crucial a desempenhar ao contribuir para melhorar a compreensão de um mundo cada vez mais fragmentado” (BASSNET, 2003, p.02).

Conforme Bassnet (ibidem) a tradução era considerado como uma atividade secundária, marginal, no entanto, começou a ser vista como um ato fundamental do intercâmbio humano.

Nas áreas dos Estudos da Tradução, vale ressaltar Lawrence Venuti e seu trabalho mais recente, intitulado *Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença* (2002) e *The Translator's Invisibility: A History of Translation* (1995).

Certas traduções a serviço de outras culturas tradutoras abrem “espaços para assimetrias, revela injustiças, ilumina relações de dominação e dependência” (VENUTI, 2002, p.15). Neste sentido, a

tradução pode revelar-se uma atividade escandalosa. Busca-se, portanto, nesta pesquisa a relação do contexto e das traduções em circunstâncias específicas.

Conforme Venuti, (2002) a tradução apresenta-se como uma atividade secundária, do ponto de vista de pesquisas e discussões acadêmicas. Esta posição deve-se ao fato de que o ato tradutório colabora no questionamento de valores culturais estabelecidos. Ao mesmo tempo, pode acarretar causas para mudanças culturais através de seu processo, ou até mesmo, a construção de identidades culturais.

Dessa forma, verifica-se que a forma de determinada prática tradutória, pode resultar em trabalhos com características culturais e valores distintos do modelo cultural vigente. Dentro desta perspectiva, Venuti (2002) considera que a atividade tradutória pode ser conduzida por dois princípios básicos e opostos entre si: a domesticação e a estrangeirização.

A domesticação é construída através da invisibilidade do tradutor em relação à obra original, formando produções de textos acessíveis na língua de chegada (LC) . No entanto, observa-se o apagamento das diferenças culturais e linguísticas presentes na língua de partida (LP), uma vez que a tradução, a partir desta abordagem não considera os aspectos externos à língua.

Em oposição à domesticação, o autor propõe a tradução estrangeirizante; um processo que consiste em manter as peculiaridades culturais presentes na LP⁴ e LC⁵. Ou seja, consiste em “um texto cuja forma e tema desviam-se dos cânones literários domésticos” (VENUTI, 2002, p. 28). Busca, portanto, a incorporação de padrões linguísticos e culturais evidentes em uma obra literária carregada de valores que se manifestam através da língua.

O autor defende a estrangeirização, pelo fato de possibilitar um intercâmbio cultural entre a LP e a LC, além de impedir o racismo, narcisismo cultural e etnocentrismo. Ao optar por esse processo de tradução, o tradutor conduz o leitor para o país estrangeiro, obtendo-se assim, a manifestação de valores divergentes em relação à LP.

As normas podem ser, em primeira instância, linguísticas ou literárias, mas elas também incluirão um espectro diversificado de crenças, representações sociais e valores domésticos, que carregam uma força ideológica ao servir os interesses de grupos específicos (VENUTI, 2002 *apud* SOUZA, 2008, p. 02).

⁴ A partir desta página ler Língua de Partida como LP.

⁵ A partir desta página ler Língua de Chegada como LC.



EDIÇÃO Nº 12 , SETEMBRO DE 2013

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013

ARTIGO APROVADO ATÉ 20/09/2013

Logo, a tradução envolve mais do que simplesmente transpor um texto em outra língua, pois a prática tradutória compreende questões como a visibilidade do escritor e do tradutor, já que este processo será definido pelas condições sociais e históricas em que foram produzidas.

Ainda sob a perspectiva tradutória, consideramos a manipulação de um texto, aplicada ao contexto da tradução por André Lefevere, em sua obra intitulada *Translation, Rewriting and Manipulation of Literary Fame* (1985). Segundo André Lefevere (1985) a atividade tradutória implica certo grau de manipulação para um propósito determinado.

Considera-se como exemplo de manipulação, textos ou obras que são alteradas, manuseadas, manipuladas para tornar-se compreensível no texto-meta. “Do mesmo modo, o tradutor que agarra um texto e o transpõe para outra cultura tem de considerar cuidadosamente as implicações ideológicas dessa transposição” (BASSNETT, 2003, p. 21).

A partir desta perspectiva, a prática tradutória está inclusa nesta dinâmica, observando que a tradução de um texto é parte integrante de um sistema cultural, na qual recria a obra dentro de outra cultura. Neste sentido, considera-se que a obra pode ser revista e reformulada enquanto processo e produto. Ao excluir o princípio da equivalência, na qual impõe a máxima fidelidade ao original, a tradução e o tradutor são elementos principais na relação de poder entre autor e leitor, no compromisso de manter a sobrevivência de obras literárias.

O poder da tradução tem sido discutido nos últimos anos, enriquecido pela inclusão do termo reescritura aplicado no contexto da tradução, introduzido por André Lefevere em meados dos anos oitenta. A reescritura pode contribuir para a evolução da sociedade em vários campos do saber; na introdução de novos conceitos, reformulação de cânones, além do conhecimento de outras culturas. “(...) as reescrituras desempenham um papel importante na composição e disseminação de uma obra e no desenvolvimento de literaturas”. (LEFEVERE, 1982, *apud* CAMPOS, 2004, p. 59).

No entanto, a reescritura pode reprimir, distorcer ou impedir a alteridade, impondo a uma cultura mais fraca valores e princípios de outra convencionalmente mais forte, ocorrendo a manipulação de originais de acordo com a ideologia de seu tempo. Portanto, vale ressaltar que a tradução, como qualquer outro processo de reescritura pode constituir-se de manipulações ideologicamente construídas.

De acordo com Lefevere (1982), alçado à manipulação e reescritura de uma obra, ressaltamos também a questão da patronagem; entendida como o poder de instituições, pessoas, partidos políticos, classes sociais, editores e mídia que determinam o que irá circular em dado contexto. “Eles podem não



EDIÇÃO Nº 12 , SETEMBRO DE 2013

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013

ARTIGO APROVADO ATÉ 20/09/2013

controlar a escrita propriamente dita, mas podem controlar a sua distribuição” (LEFEVERE, 1992, p. 15).

A tradução é realizada a partir de sua encomenda, ou seja, do seu patrocínio. Portanto, revela-se que a patronagem está intimamente ligada às questões de ordem ideológica. Mesmo um profissional autônomo, pode estar sujeito às afrontas ideológicas, visto que, este profissional está inserido num tempo e num local específico; preso às limitações do contexto. Dessa forma consideramos relevante a citação abaixo, com o intuito de reflexão referente ao ato tradutório.

Hoje em dia a mobilidade dos povos em todo o mundo reflete o próprio processo de tradução, pois a tradução não é somente a transferência de textos de uma língua para outra – ela é hoje corretamente mista como um processo de negociação entre textos e entre culturas (BASSNETT, 2003, p. 09).

Neste sentido, verificam-se três fatores que consistem nesta prática, sendo a primeira delas, o fator ideológico, que tem o domínio de controlar a circulação de obras e de conteúdo. O segundo fator surge a partir de aspectos econômicos, ligados à remuneração dos escritores e reescritores. E como terceiro fator, apresenta-se a questão do *status*, na representação de relação entre escritores, reescritores e patrocinadores.

Dentro desta perspectiva, levantamos questões complexas que envolvem a prática tradutória; características específicas de determinados textos podem influenciar na escolha metodológica de cada tradutor. Perspectivas e abordagens no campo da tradução podem variar conforme o texto e o contexto a serem traduzidos, assim como os critérios utilizados para a realização desta prática, apresentando resultados distintos.

4. BLACK ENGLISH: ESTUDO DE CASO DE *THE COLOR PURPLE* E *BELOVED*

Considerando as discussões relacionadas à tradução, ressaltam-se os movimentos em relação à descrição dos processos tradutórios, o que conseqüentemente, resulta em discutir os problemas relacionados a esta prática. Logo, o trabalho da tradução pressupõe a existência de uma teoria que se



reflete em obras ou textos traduzidos, envolvendo principalmente questões relacionadas aos aspectos culturais e históricos.

Nesta presente análise, são apresentadas duas obras que resultaram em traduções distintas, mesmo pertencentes à mesma época. As obras, *Beloved* (1987) de Toni Morrison e *The Color Purple* (1982) de Alice Walker, tornam evidentes as características do dialeto afro-americano em suas obras originais, reforçando a resistência através da língua. Neste sentido, são lançados os conceitos de Lawrence Venuti e suas abordagens na prática da tradução.

Um dos pressupostos teóricos lançados por Venuti, conforme mencionado anteriormente neste trabalho, foi a da tradução domesticante. Este conceito é perceptível na obra *Beloved*, em que não se verifica nenhuma característica do dialeto *Black English* através da LC realizada através da norma culta da língua portuguesa.

A partir desta tradução observa-se um texto claro e fluente, no entanto, o apagamento de aspectos culturais e linguísticos torna-se evidente, a partir da omissão de termos específicos da comunidade afro-americana. Dessa forma, este método domestica ou assimila a obra estrangeira aos valores da cultura da LC.

Considerando a obra *The Color Purple*, verifica-se o processo de tradução oposta em relação à primeira. Em oposição à tradução domesticante, Venuti introduz a tradução estrangeirizante, em que apresenta como estratégia, a inclusão de aspectos linguísticos e culturais vigentes LP para a LC. Na obra em questão, o processo de estrangeirização apresenta aspectos culturais, linguísticos e outros discursos que são incorporados à obra, ignorando o cânone local, como forma de preservar a originalidade do texto.

O trabalho em tradução importa, sobretudo, no sentido de possibilitar a compreensão intercultural e conseqüente interação entre diferentes sociedades. No contexto do estudo cultural da tradução, tenta-se a identificação das forças que operam nos processos e nos encontros linguísticos e culturais, em que enfoques diferenciados de cultura se fazem, inevitavelmente presentes (RESENDE *apud* CARVALHAL, 1991).

Nas respectivas obras, observam-se aspectos relacionados à tradição oral, ou seja, reflexos do dialeto afro americano *Black English*. Centrado nos sonhos e fracassos de pessoas comuns, como forma

de busca da dignidade humana, buscando expressar a situação histórica e sociocultural dos negros; verificados a relação entre linguagem e o grupo social que as utiliza.

O dialeto *Black English* presente nas obras *Beloved* e *The Color Purple* manifesta a existência dessa linguagem oral presente nos diálogos dos personagens. Tais obras, ricas em seu quadro linguístico e discursivo, surge na literatura como forma de quebra de padrões linguístico-literários estabelecidos pela norma padrão da língua inglesa, fato que levanta questões acerca de problemáticas de sua tradução.

FRAGMENTOS DO ROMANCE *BELOVED* E SUA TRADUÇÃO A PARTIR DA DOMESTICAÇÃO⁶

De acordo com Venuti (1998), as práticas tradutórias com ênfase homogeneizadora podem eliminar diferenças culturais de textos estrangeiros. André Lefevere (1992), com a sistematização das teorias da Tradução, verifica que, esta prática deixa de focar essencialmente o texto e passa a observar as questões culturais e históricas envolvidas no ato tradutório. Dessa forma, o texto literário deixa de ser um sistema fechado e passa a dialogar com outras áreas do saber, com intuito de preservar as peculiaridades culturais e linguísticas da LC.

De acordo com as abordagens teóricas de Lawrence Venuti, em especial, a domesticação e estrangeirização, verificam-se duas traduções distintas nas obras *Beloved* e *The Color Purple*.

- **O uso do *ain't*.**

Ain't no nigger men (MORRISON, 1987, p. 10)⁷

There are not nigger men/

Não existem homens negros (p. 20).

- **O uso do auxiliar *do* para todas as pessoas no Presente Simples.**

Maybe she don't want to understand (p. 11).

/Maybe she doesn't want to understand/

Talvez ela não queira entender (MORRISON, 1987, p. 13).

⁶ Todos os fragmentos foram retirados da edição norte-americana de 1987.

⁷ Tradução de Evelyn Kay Massaro da edição brasileira de 1987.

- **Dupla negação**

Can't nobody catch up on eighteen years in a day (p. 11).

/Nobody can catch up on eighteen years in a day/

Ninguém pode conversar sobre dezoito anos em um dia (p. 21).

I don't have nobody (p. 65).

/I have nobody/

Não tenho ninguém (p. 81).

- **O uso de *was* para todas as pessoas no passado do verbo *to be*.**

We was talking 'bout a tree, Sethe (p. 16).

/We were talking about a tree, Sethe./

Falávamos sobre uma árvore, Sethe (p. 27).

- **Aglutinação verbal e pronominal**

Gimme back my shoes; gimme back my hat (p. 40).

/Give me back my shoes; give me back my hat/

Devolva meus sapatos, devolva meus chapéus (p.55).

- **Colocação imprópria de artigo indefinido protético**

Looka here who's talking (p. 78).

/Look here who's talking/

Olhe só quem fala! (p. 96).

Os trechos acima mencionados apontam para a tradução da LP tomando por base a abordagem domesticadora de Venuti. A tradução da obra *Beloved* ocorre fluentemente na língua padrão do português. Ou seja, não aparece na LC nenhum vestígio de peculiaridades externas à língua (social, cultural, econômico, político ou religioso) que expressem a existência do dialeto afro-americano.

FRAGMENTOS DO ROMANCE *THE COLOR PURPLE* E SUA TRADUÇÃO A PARTIR DA ESTRANGEIRIZAÇÃO⁸

- **uso do *ain't*.**

I ain't well (WALKER, 1982, p. 11).

/I am not well/

Eu num tô bem (p. 11)⁹.

- **A omissão do “s” nos verbos da terceira pessoa do singular do Presente Simples.**

Finally he leave her alone (p 11).

/Finally he leaves her alone/

Até que ele deixou ela em paz (p. 11).

- **Dupla negação.**

Don't nobody come see us (p. 12).

/Nobody come see us/

Ninguém veio ver a gente (p. 12).

- **O uso do auxiliar *do* para todas as pessoas no Presente Simples.**

He don't say nothing (p. 64).

/He says nothing/

Ela num diz nada (p. 64).

- **Omissão do verbo *to be*.**

She ugly (p. 18).

/She is ugly/

Ela é feia (p. 18).

⁸ Todos os fragmentos foram retirados da edição norte-americana de 1982.

⁹ Tradução de Peg Bodelson, Betúlia Machado e Maria José Silveira da edição brasileira de 1982.



- **O uso do auxiliar *do* para a terceira pessoa do singular no Presente Simples.**

He don't answer (p. 72).

/He doesn't answer/

Ele num responde (p. 72).

A abordagem estrangeirizante expressa a partir dos trechos acima traduzidos, revelam fortes características culturais, sociais e econômicas que podem ser identificadas a partir da LC, sendo possível a identificação do grupo étnico afro-americano. Neste sentido, a linguagem exposta na obra *The Color Purple*, assim como sua tradução, permitiram o reconhecimento de um grupo que vive à margem da sociedade e expõe o quadro histórico em que a obra foi produzida.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O dialeto *Black English* surgiu a partir do único modelo de linguagem utilizado pelos negros, manifestado através da necessidade de comunicação intra étnica. Diante das reflexões deste fenômeno linguístico, observa-se que a variação surge a partir de processos evolutivos comuns a qualquer língua.

A partir da análise de como os indivíduos se organizam na interação social humana é que se busca compreender como, simplesmente ao se comunicarem, indivíduos de outras etnias acabam criando fenômenos tão evidentes como a discriminação e o racismo.

Consideradas as discussões sobre a questão dialetal e as implicâncias sobre a tradução levantadas neste trabalho, verificou-se que o *Black English*, reflete não apenas a descrição da língua enquanto sistema, mas revela também que o seu uso está diretamente ligado a decisões políticas, sociais, educacionais e culturais, exigidas pelas inúmeras questões que a diversidade racial e linguística vem apresentando no mundo contemporâneo.

Com a perspectiva de analisar a variação linguística afro-americana, fundamentamos este trabalho, no sentido de especificar os meios, pela qual esta comunidade utiliza para se comunicar, além de analisar o dialeto em seu contexto sócio-histórico-cultural, ou seja, em situações reais de uso, com ênfase à implicância da tradução desse dialeto.



EDIÇÃO Nº 12 , SETEMBRO DE 2013

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013

ARTIGO APROVADO ATÉ 20/09/2013

Consideramos as peculiaridades do vocabulário, sintaxe, modos do discurso, que circulam entre a língua inglesa padrão e o inglês afro-americano resultando em uma linguagem peculiar e com sua estrutura própria.

A partir deste quadro linguístico e histórico abordado nesta pesquisa, verificou-se que a tradução de um dialeto consiste em uma complexidade que ultrapassa os limites da linguística. A prática tradutória busca um equilíbrio entre o não apagamento de peculiaridades culturais, como também, tenta não tornar a LC totalmente estrangeiro.

Por fim, foram realizadas buscas de determinantes que caracterizassem discursos, aspectos interativos e significativos presentes na complexidade humana, refletidos nas variações linguísticas que abrangem o homem e a língua.

Dessa forma, trouxemos como reflexão, a tradução do ponto de vista literário, pressupondo um olhar mais amplo, considerando não somente as línguas em questão, mas também os aspectos externos envolvidos na tradução e que podem a partir desta dinâmica, manifestar ou não a identidade de um grupo.

REFERÊNCIAS

BASSNETT, Susan. *Estudos de Tradução: fundamentos de uma disciplina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

LABOV, Willian. *Sociolinguistic patterns*. Philadélfia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *AFRICAN AMERICAN VERNACULAR ENGLISH*. DISPONÍVEL EM:

http://en.wikipedia.org/wiki/African_American_Vernacular_English. Acesso em: 15 de maio de 2013.

LEFEVERE, André. *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. London and New York: Oxford University Press, 1992.

LOURENÇO, Lucília Teodora de Leitgeb. *Traduções e Estudos Culturais: Estudo da tradução Brasileira de The Bluest Eye, de Toni Morrison*. Três Lagoas: UFMS, 2006. 131 p. Tese (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2006.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORRISSON, Toni. *Amada*. Tradução de Evelyn Kay Massaro. São Paulo: Nova Cultura, 2005.

_____. *Beloved*. New York: Plume, 1987.



EDIÇÃO Nº 12 , SETEMBRO DE 2013

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013

ARTIGO APROVADO ATÉ 20/09/2013

RASPBERRY, Willian. *Mastering English Texbook 3* (CCLS – Cultural Center for language studies), 1998.

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1997.

TRUDGILL, Peter. *Sociolinguistic; an introduction*. Great Britain: Penguin Books, 1979.

VENUTI, Lawrence. A autoria. In: _____. *Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença*. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marleide Dias Esqueda e Valeria Biondo. Bauru: Edusc, 2002.

_____. *The translator's invisibility*. Nova York: Routledge, 1995.

WALKER, Alice. *A Cor Púrpura*. Tradução: Peg Bodelson, Betúlia Machado e Maria José Silveira. Círculo do Livro. São Paulo, 1982.

_____. *The Color Purple*. Washington Square Press. New York ,USA, 1983.